

Narrativas abolicionistas em disputa: entre ditos, silêncios e silenciamentos, sentidos e existências produzidas nas páginas periódicas oitocentista ¹

Wéber Félix de OLIVEIRA²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Este texto trata-se não apenas dos discursos e dos sentidos em circulação sobre a política abolicionista, mas, prioritariamente, sobre os sentidos ligados às existências de sujeitos, ora escravizados, que tiveram suas vozes ecoadas naquela sociedade. Parte-se da ideia da amplificação dada a circulação desses sentidos através de “Goyaz – Órgão do partido liberal” e “O publicador Goyano Livre”, a partir dos quais observou-se a disputa discursiva entre os escravizados em contraposição aqueles que “legitimamente” podiam falar. Nas brechas do processo comunicacional do dominador, observou-se, a (r)existências dos sujeitos negros para a eternização de sentidos outros de vida.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; história; escravizados; silenciamento;

Drescher (2011) argumenta que a imprensa foi fundamental para a formação de uma opinião pública em torno da abolição da escravatura e, conseqüentemente, para a elaboração de estratégias governamentais em vários Estados-Nação, respeitadas, logicamente, às especificidades e proporções de cada localidade. Segundo esse autor, os impressos periódicos se constituíram, naquele período, em uma rede de comunicações que oferecia aos seus leitores não apenas informações sobre a política de emancipação, como também funcionava como intermediária das posições da sociedade civil e dos governantes.

Partindo-se desse pressuposto é salutar que se reconheça que a imprensa periódica oitocentista, de certa forma, foi um importante agente catalisador do sentimento antiescravista no Brasil e como tal, pode ser considerada um valioso registro da movimentação da sociedade, como também representativa da reorganização política e econômica vivida naquele período. Seguindo essa linha argumentativa, reconhece-se que essas instituições complexas foram responsáveis por entregar ao seu público significados, símbolos e sentidos sobre a realidade, como também os fixaram, deixando para a humanidade rastros dessa historicidade.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – Brasil, sob orientação da Profa. Dra. Marialva Carlos Barbosa, email: weber.oliveira@discente.eco.ufrj.br.

Apesar da importância já reconhecida dessa instituição em formação, é possível depreender, por outro lado, que muitos periódicos abolicionistas apresentavam ao seu público um discurso do dominante em contraposição a um discurso que estaria mais próximo dos escravizados. Imbuído por essa premissa, este texto é fruto dos primeiros passos que se dá em direção à produção jornalística abolicionista produzida na Capitania de Goyazes, no século XIX, território hoje nomeado por Estado de Goiás, para que se desvele o modo de produção simbólica dessa instituição naquele território.

Desse modo, o objeto de pesquisa deste texto trata-se dos discursos e dos sentidos em circulação sobre a política abolicionista mediada pelos veículos jornalísticos, assim como a presença discursiva dos sujeitos escravizados nas páginas periódicas. Objetivou-se, dessa maneira, problematizar o processo comunicacional e as relações complexas que se estabeleceram entre as produções noticiosas, a política abolicionista oficial, os contextos históricos e a imagem dos sujeitos nos textos produzidos, assim como os processos de dizer e de silenciamento nas páginas periódicas.

Com foco nesse objetivo, pretendeu-se, portanto, ao percorrer as páginas do “Goyaz – Órgão do partido liberal” e “O publicador Goyano Livre”, conhecer e reconhecer de que maneira as narrativas sobre a política abolicionista foram construídas, bem como compreender o modo de entrada e de apresentação dos sujeitos-atores ali retratados e por fim, as posições de enunciador que os narradores ocuparam. Para tanto, este texto foi guiado pelas seguintes problemáticas: a) Quais foram as narrativas construídas sobre abolição da escravatura nos dois periódicos oitocentistas?; b) quem foram os produtores (sujeitos autores X sujeitos escravizados) desses textos?; c) e quais os sentidos possíveis de serem acessados por meio das narrativas abolicionistas em um espaço de disputas simbólicas?

Para essa problematização optou-se por se fazer um recorte temporal aos anos de lançamento dos supracitados periódicos, a saber 1885. Vale destacar que ao longo dessa temporalidade foram encontradas 57 edições dos periódicos, respectivamente 13 e 44, no repositório da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional que são datadas entre setembro e dezembro daquele ano, as quais constituíram o corpus de análise desta pesquisa. Por tanto, em decorrência dos objetivos, da problematização e do *corpus* de pesquisa, decidiu-se por empreender uma ação exploratória e descritiva, tendo a

pesquisa documental e a análise cultural de narrativas como procedimentos metodológicos para este estudo.

Para se seguir, nesse empenho de trabalho, esta proposta se apoiou em dois conceitos teóricos/categorias, os quais possibilitaram a aproximação e a análise das narrativas encontradas, a saber a “produção de sentidos” de Maingueneau (2015) e o “silêncio” de Orlandi (2018). Resumidamente, entende-se que os sentidos são, pois, os resultados aparentes e visíveis que se originam no interior das práticas sociais, os quais não são dados e estáveis, ao contrário são construídos e reconstruídos continuamente e se apresentam por meio de uma multiplicidade de possibilidades, como nos lembra Maingueneau (2015).

O sentido não existe em si mesmo, mas é determinado por meio do terreno simbólico sob o qual está centrado, como pode ser verificado nas palavras de outra autora: “O sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas” (ORLANDI, 2005, p. 42), o que nos revela que o processo simbólico da atribuição de sentidos à materialidade disponível não se trata de um ato isolado, mas sim de uma prática diretamente correlacionada e interseccionada pela historicidade, bem como o tempo e o espaço.

Partindo-se dessa proposição de pensamento sobre a atribuição de sentidos como modo de significar o mundo e o próprio indivíduo, por meio da construção relações e de práticas sociais localizáveis no tempo e no espaço, Orlandi (2018) explica que o silêncio não se trata de um espaço negativo onde não existem sentidos, mas que o silêncio é por excelência uma materialidade formada e formadora de sentidos e que a ele se conecta a prática discursiva de silenciamento. Apesar da autora considerar o caráter produtor de sentidos dessa ação discursiva, ela ressalta que ainda se pode identificar, nessa política, um aspecto negativo, isto é, a política de silenciamento pode se revelar também como uma prática social e discursiva – estrategicamente orientada – assumida politicamente por atores com o intuito de apagar e de interditar o dito, bem como determinados discursos e os sujeitos.

Embasado naqueles conceitos, este trabalho ao se debruçar no desvelamento dos sentidos nas narrativas do primeiro ano de circulação de o “Goyaz – Órgão do partido liberal” e “O publicador Goyano Livre”, foi possível observar a existência de uma política de silenciamento na construção simbólica e narrativa desse periódico. Ou seja, o

silenciamento, como estratégia de produção de sentido, fez com que determinadas imagens discursivas e sujeitos discursivos estivessem visíveis, enquanto outros fossem sumariamente apagados, bem como seus corpos, suas identidades e suas vozes.

Esse acontecimento demonstra, por fim, a existência de um fato discursivo singular: a fala pretensamente emancipadora que mantém a prática do amordaçamento de sujeitos, colocando de um lado aqueles que podem falar e devem ser ouvidos e de outros aqueles que devem permanecer emudecidos e impedidos de serem reconhecidos, assim como já o fora observado oportunamente por Barbosa (2016): “Ainda que mitos órgãos de imprensa [...] proclamem sua adesão À causa “emancipadora”, os discursos dominantes enfatizam a luta dos que têm voz e rosto[...] e apagam as imagens cotidiana dos escravos [...]”. (BARBOSA, 2016, p. 121).

Embora se reconheça a semelhança dessa prática em muitos jornais abolicionistas, ainda é possível encontrar espaços de resistência, apesar de pouca visibilidade. É através dessas brechas que este estudo se embrenha nas linhas escritas para conhecer e reconhecer as histórias da escravizada Romana em contraponto às narrativas produzidas por Leopoldo de Bulhões, por exemplo, dando possibilidade que se perceba para além da voz dos dominantes, a voz dos escravizados sem qualquer interdição. Desse modo, observou-se não apenas os modos de apresentação desses sujeitos, mas também se evidenciou o *modus operandi* desse periódico ao tratar da abolição e dos sujeitos a quem ela mais interessou politicamente e financeiramente.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. Como escrever uma história da imprensa? In: II ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 2004, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFRGS, 2004, p. 1-11.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 18000-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARBOSA, Marialva; RIBEIRO, Ana Paula. Comunicação e história: um entre-lugar. In: **Comunicação e História** – partilhas teóricas. (org.) BARBOSA, Marialva; RIBEIRO, Ana Paula. Florianópolis: Insular, 2011.

BARBOSA, Marialva. **Escravos e o Mundo da Comunicação** – oralidade, leitura e escrita no século XIX. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

BORGES, Rosana. **As entrelinhas não publicadas do periódico que forjou a imagem e os sentidos culturais de Goiânia**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2016a.

BORGES, Rosana. **Pensamentos dispersos, hegemonias concentradoras**: discursos jornalísticos e movimentos de territorialização no Cerrado. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2016b.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2015.

DRESCHER, Seymour. **Abolição**: uma história da escravidão e do antiescravismo. São Paulo: Unesp, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2013.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso** – princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Editora Unicamp, 2018.

ORLANDI, Eni. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas: Pontes Editores, 2020.

PAVEAU, Marie-Anne. **Os pré-discursos**: sentido, memória, cognição. Campinas: Pontes Editores, 2013.

RICEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.